

(RE)PENSANDO A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO EM *AS MULHERES DE MEU PAI*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

*Douglas Caldeiras Silva de Souza*¹

Orientadora: Renata Flávia da Silva

Mestrando

RESUMO: Os deslocamentos das personagens na obra do escritor José Eduardo Agualusa são um capítulo a parte em sua diversificada produção literária. Em *As mulheres do meu pai* (2007), parece que as categorias espacial e temporal, enquanto elementos narratológicos, são essenciais para o desenvolvimento do enredo: a criação de um documentário de um grande músico angolano, Faustino Manso, a partir das viagens que ele realizou pela África Austral. A fim de reconstituir sua trajetória e reconstruir sua biografia, a visita às cidades pelas quais passou permeia por todo o texto. A responsável pelo projeto é uma de suas possíveis filhas, Laurentina, que entre entrevistas realizadas com suas sete esposas e pessoas com quem Manso teve contato, reúne e armazena um material rico para seu ambicioso trabalho. Com seus três parceiros – Mandume, Bartolomeu e Pouca Sorte, um carro e a estrada como companheiros, ela registra o nome dos lugares pelos quais passaram, a data e, por vezes, o horário, associando a noção de espaço e tempo. Tais aspectos aparecem imbricados à ideia de “cronotopo”, defendida por Bakhtin, e embasará a presente pesquisa, por acreditar que ambas categorias supracitadas não deixam de estar ligadas, como uma estratégia narrativa do autor e de seus quatro narradores que revezam visões diferentes sob um mesmo lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Angolana; Espaço; Tempo; Cronotopo

Partimos de Oncócuá, sul de Angola. Era um domingo, quando se inicia a narrativa; de maneira mais específica, 6 de novembro de 2005. Um lugar. Uma data. Através dessas marcas linguísticas, anunciadas no sumário do romance **As mulheres de meu pai** (2007), do escritor angolano José Eduardo Agualusa, que o leitor é situado no tempo e no espaço da narrativa em análise.

Cabe salientar, a priori, que a organização dos capítulos não segue uma ordem necessariamente linear, ou seja, conforme os fatos vão acontecendo de maneira gradativa. Os

¹ Douglas Caldeiras S. De Souza é mestrando no Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu da Universidade Federal Fluminense (UFF)

narradores são vários e as lembranças múltiplas, que se misturam ao presente. Os espaços também variam, uma vez que se estabelece um passeio, principalmente, pela África Austral.

O presente trabalho, portanto, tem como enfoque o estudo dessa relação que se estabelece entre o espaço e o tempo. Isto é, como aparecem imbricados, por que estão associados e por qual razão não se podem analisar o romance **As mulheres do meu pai** sem pensar um aspecto sem o outro.

Tal relação se deve pelo motivo de existir de maneira tão evidente, como foi mostrado no início desse texto, a necessidade em se deslocar de um lugar para o outro e evidenciar em que momento isso ocorre. Logo, Agualusa divide o romance em quatro grandes partes (ou grandes capítulos), que ele nomeará de “andamentos”. Esses possuem microcapítulos que narram o processo de criação de um documentário, a partir do olhar da cineasta Laurentina Manso, que descobre-se filha adotiva do casal Dário Reis e Doroteia (depois de uma carta desta, revelando-lhe o “segredo”), sobre seu (talvez) verdadeiro pai, Faustino Manso, um músico angolano famoso.

Faustino viveu e passou por diversos países africanos e nessas passagens, a trabalho, principalmente, conheceu inúmeras mulheres. Todas as sete viúvas – ou quase todas – foram procuradas por Laurentina e um grupo de pessoas que irão ajudá-la a reconstruir a trajetória do seu suposto pai. São eles seu namorado, Mariano, apelidado carinhosamente de Mandume; seu sobrinho, Bartolomeu; e o motorista, alcunhado como Pouca Sorte.

O grupo encontra nesses espaços histórias das famílias que Manso construiu. O tempo é o traço norteador, da recuperação do passado e da saudade presente. As entrevistas com dona Anacleto, viúva “oficial” do artista, Elisa, Seretha, Fátima e Ana Lacerda, seus ex-mulheres, entre outros personagens, tentam alinhar esses aspectos com o intuito de reconstruir uma vida cheia de aventuras e curiosidades do sul ao norte de Angola; dos rios às praias de Moçambique; da metrópole até o interior da África do Sul.

Com vários depoimentos, após ter recolhido um material necessário para o seu trabalho, Laurentina se vê presa a uma teia que se confunde, por vezes, à história de Faustino. E todos esses passeios realizados e o conhecimento de lugares explorados pelo músico, aquela personagem e seus quatro parceiros de jornada redescobrem a África Austral, seus costumes, suas histórias e seu povo.

Em vista disso, nota-se uma necessidade em se aprofundar nos estudos sobre a relação espaço-temporal no romance contemporâneo, sob a luz do conceito de “cronotopo”,

utilizado por Bakhtin em **Questões de literatura e estética – a teoria do romance** (1998), que ele define como: “a interligação fundamental das relações temporais e espaciais artisticamente assimiladas em literatura” (BAKHTIN, 1998, p. 211). No capítulo “Formas de tempo e de cronotopo no romance – Ensaio de poética histórica”, o teórico salienta a necessidade de, naquele gênero, ser bastante comum a associação de dois elementos narratológicos: o espaço e o tempo.

Em **As mulheres do meu pai** esses dois aspectos são indissociáveis. Não se pode pensar nas viagens de Laurentina, Mandume, Bartolomeu e Pouca Sorte sem se atentar para a questão da temporalidade e da localização. Primeiramente, porque a maioria dos microcapítulos recebem como título o nome da cidade, o país, o dia, o mês e o ano em que ocorreram os fatos, iniciados em 2005 e que se perduraram, no tempo da narrativa, até 2007. Ou seja, foi em torno de dois anos que se deu essa aventura.

Em alguns momentos, pode-se notar também que a hora é delimitada, dando um aspecto ao texto de diário de bordo. Logo, o que era para ser um documentário, torna-se um romance, com traços de diário. Dessa maneira, a narrativa passa a ter um caráter peculiar, híbrido, uma vez que além de misturar vozes narrativas, mesclam-se diversos gêneros, em espaços e tempos variados.

Em tempo, de acordo com o **Dicionário de Narratologia** (1987), a categoria espaço é assim descrita e que será a base norteadora do presente trabalho, que traz o romance do angolano José Eduardo Agualusa, **As mulheres do meu pai** (2007), como principal corpus literário para análise:

Entendido como domínio específico da história, o espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da acção e a movimentação das personagens: cenários geográficos, interiores, decorações, objectos etc.; em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translativo, abrangendo então tanto as atmosferas sociais (espaço social) como até as psicológicas (espaço psicológico) (REIS & LOPES, 1987, p. 129)

Cidades no sul da Angola e em sua capital, Luanda, passando pela Cidade do Cabo e Joanesburgo na África do Sul, Ilha de Moçambique e Maputo, em Moçambique, são panos de fundo em uma trajetória em boa parte da África Austral, que passa até pelo Brasil, através do projeto audacioso da personagem Laurentina, que ora também aparece como narradora-personagem, ora divide um protagonismo com o pai falecido e seus parceiros nesse percurso.

De fato, ela circula em lugares na tentativa de coletar material para o seu documentário, homônimo ao título do livro, e nesse interim conhece a cineasta Karen Boswall. No entanto, o que não se pode perder de vista é que o ponto de convergência se encontra não no produto final dessa saga, mas na estrada. Lugar este em que os quatro personagens principais, Laurentina, Mandume, Bartolomeu e Pouca Sorte passam parte considerável na narrativa, a bordo de um automóvel chamado “Malembelembe” e equipamentos necessários para capturar e registrar momentos *in loco*.

Nessa perspectiva, esses personagens vão recriar também espaços, dentro de uma temporalidade possível e verossímil. Transformado em uma espécie de mistura tragicômica, com diário de bordo e romance de viagens, **As mulheres do meu pai**, inclusive, traz em questão as relações humanas e seu desfacelamento no mundo contemporâneo e um espaço social que corrobora e provoca tal consequência.

O presente trabalho tentará comprovar, assim, que espaço e tempo, à luz do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1998) são conceitos que podem ser entendidos em comunhão no texto de Agualusa. Sobre isso, ele utiliza o termo cronotopo para ilustrar essa associação. No romance, isso pode-se verificar no que Bakhtin chamará de “cronotopo da estrada”. Pois,

No romance, os encontros ocorrem frequentemente na “estrada”. Ele é o lugar preferido dos encontros casuais. Na estrada (“a grande estrada”) cruzam-se num único ponto espacial e temporal os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades e idades. Aqui podem se encontrar por acaso, as pessoas normalmente separadas pela hierarquia social e pelo espaço, podem surgir constrates de toda espécie, chocarem-se, entrelaçarem-se diversos destinos. As séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas distâncias sociais, que não superadas. Esse é o ponto de enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. (BAKHTIN, 1998, p.350)

É nesse espaço-tempo onde acontecem vários fatos em **As mulheres do meu pai**, como no capítulo “Um herói à beira da estrada”, quando Bartolomeu encontra um artefato onde se identifica a recuperação da memória de seu pai, um homem que morreu na guerra civil angolana:

Malembelembe galgava num concentrado esforço a Serra da Leba. Mandume instalara-se, com a câmara de vídeo, junto a uma das janelas. Mostrava-se pela primeira vez entusiasmado com a paisagem.

- Grandes curvas!

(...)

Bartolomeu subitamente sombrio; a determinada altura pediu a Pouca Sorte para encostar a carrinha. Saiu para a luz forte da tarde. Acompanhei-o. Ele abriu caminho entre o capim alto, doirado, até encontrar uma pequena cruz de pedra. Na base da cruz havia uma placa em mármore. Li “Aqui caiu Bernardo Falcato em defesa da pátria. Descansa em paz comandante.

Bartolomeu encarou-me:

- Era meu pai. (AGUALUSA, 2007, p.88)

É o espaço da saudade, o tempo da lembrança. Como Homi Bhabha, em **O local da Cultura** situará e exemplifica esse excerto existe, nesse depoimento um “Espaço sem lugares, tempo sem duração”. (BHABHA:1998:202)

Em alguns momentos, convém salientar, que existe uma polarização desses espaços, principalmente quando os narradores os descrevem e se coloca por um lado uma Angola e a África como espaços sociais mergulhados em problemas, principalmente na concepção de Mandume, namorado de Laurentina no início da narrativa, demonstrando uma certa ojeriza por aquele lugar: “..Morre-se muito em África. Morre-se de paludismo, febre amarela, cólera, tifo, morre-se de um tiro perdido, morre-se de desgosto ou de cansaço.” (AGUALUSA, 2007, p.57)

Noutros momentos, por sua vez, nas palavras de Laurentina se verifica um país cosmopolita e em desenvolvimento:

Esvrevo estas notas no quarto onde estamos instalados, no hotel Panorama, um edifício elegante, erguido sobre as areias da ilha, Tem o mar à frente e o mar atrás. Através da janela vejo as luzes da cidade refletidas no espelho preto da baía. À noite, vista daqui, Luanda parece uma metrópole imensa e desenvolvida. A escuridão oculta o lixo e o caos. Penso no meu pai. Quis saber o que achava Mandume da proposta de Bartolomeu. (AGUALUSA, 2007, p.38)

Em Milton Santos – **Pensando o espaço do homem** – estabelece-se também uma relação entre o espaço e o tempo. Em primeira instância, ele define espaço e suas múltiplas formas de ser categorizado e correlaciona esses conceitos com a necessidade de adequá-lo ao recorte temporal, a partir de diálogos com teóricos (filósofos, geógrafos e sociólogos) de seu tempo. É no primeiro capítulo, intitulado “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção” em que Santos trará os conceitos primordiais e que embasam o estudo comparativo da presente pesquisa, nesse primeiro momento, do espaço social (objeto de estudo do geógrafo) e espaço ficcional (interesse de Bakhtin e Bhabha); e no segundo capítulo que se dá

o desdobramento e a fundamentação para aquele – “Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografica a uma Geografia Crítica”.

Nessas obras, pode-se verificar que a compreensão do locus como componente do corpo social espelhando a maneira discrepante como Mandume e Laurentina enxergam o espaço da cidade em Angola. Tais visões diferentes se dão como a noção de espaço é concebida por eles, conforme se vê o entendimento deste aspecto em Milton Santos:

O espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste, força tranquila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar. (SANTOS, 1985, p.16)

Pode-se observar, então, que o espaço representado é uma maneira simbólica de estabelecer o jogo a que Agualusa se propõe ao aproximar locais aparentemente díspares, no trato da ficção, e construir um romance que se revela como um relato de viagens, em cada andamento (como é nomeado cada parte do romance) de maneira que tempo e espaço aparecem imbricados.

Nesses andamentos, o grupo de cinegrafistas seguem no cronotopo da estrada em busca dessas identidades e de relatos para a construção do roteiro. É nesse espaço – a estrada – onde se concentra boa parte da narrativa, já que o itinerário não seguia uma ordem, tal como o texto não segue uma cronologia. Ou seja, os saltos temporais se espraiam para o salto narrativo, uma vez que há diversas voltas no tempo para explicar fatos anteriores aqueles presentes, no tempo do romance.

Um desses momentos é quando Pouca Sorte conta sua história e a relação dele e seu veículo, o qual alcunhou de Malembelembe:

Acontece-me isto: estou sozinho na estrada, eu e Malembelembe, e o grande silêncio da natureza em redor, e dou por mim a cantar. Ao volante de um candongueiro conhecem-se, por vezes, pessoas interessantes, e eu gosto de viajar. Este serviço, por exemplo, com os cineastas, foi um presente dos céus. O jovem casal português é simpático. Já o miúdo angolano me exaspera um pouco, confesso, com aquela propensão para o exagero e o constante louvor e exaltação da mulatagem. Não tenho a menor simpatia por mulatos. Porém sabe contar estórias e faz-nos rir a todos. A moça, Laurentina, está caída por ele, coitada, vai sofrer um pouco. (AGUALUSA, 2007, p. 95)

Nesse momento, eles já se encontram à procura de Seretha du Toit, uma das ex-mulheres do pai de Laurentina. E o trecho supracitado apresenta bem todos os envolvidos no projeto de documentário “As mulheres do meu pai”, encabeçado pela possível filha do músico.

Verifica-se, também, noutro momento, o salto que a narrativa dá no tempo e no espaço em que Dário, pai de criação de Laurentina, conta como foi que conheceu Alima, a mãe verdadeira daquela. Trata-se de um depoimento dado a sua filha que contribui também para a descoberta da própria origem dela:

Em 1975, muito próximo da independência, em meio a toda a agitação política, brancos contra pretos, pretos contra brancos, os portugueses a fugirem, eu sei lá, a minha querida Doroteia engravidou de novo. Foi uma gravidez difícil. As três últimas semanas passou-as numa cama de hospital. No mesmo quarto estava uma rapariga, também de origem indiana, ou meio indiana, chamada Alima. Lembro-me muito bem dela. Olhos grandes, tristíssimos. Dizia-se que o pai da criança era o Faustino Manso, um músico angolano que tinha vivido uns largos anos em Moçambique e desaparecera de repente sem deixar rasto. (AGUALUSA, 2007, p.56)

Logo em seguida, não só o narrador muda, como também o espaço-tempo, no microcapítulo intitulado “Quicombo, Angola. Domingo, 30 de outubro de 2005” e, tal como em um diário de bordo, o horário é demarcado “16h33min”. A precisão e os detalhes nas descrições são o principal objeto de estudo do presente trabalho, nesse corpus literário, que tem como embasamento teórico pesquisas em torno da associação dessas duas categorias/elementos da narrativa: o espaço e o tempo.

O primeiro embasamento parte de estudos de Mikhail Bakhtin que usa um termo oriundo dos estudos da física e da teoria da relatividade, no capítulo, “Formas do tempo e do cronotopo no romance”, na obra **Questões de literatura e estética – a teoria do romance** (1998), cronotopo. Ele o entende como o tempo sendo a quarta dimensão do espaço. Ademais, evidencia a importância que tal conceito tem na literatura, principalmente no romance, estabelecendo um cotejo do romance grego, por exemplo, e como esses aspectos são fundamentais na construção da narrativa.

Em Bakhtin, entende-se como cronotopo como um aspecto essencialmente literário. É, portanto, no âmbito da literatura, que “ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de

sentido e é medido com o tempo.” (BAKHTIN, 1998, p. 211) Ou seja, “o princípio condutor do cronotopo é o tempo” (IDEM), segundo o teórico.

Em **As mulheres do meu pai**, essa relação já é anunciada no título dos microcapítulos que não seguem uma ordem cronológica lógica, uma vez que se volta a fatos passados e a lugares que alguns dos personagens já passaram. Exemplo disso é o fato de o início da narrativa estar localizado no cronotopo Oncócuá, sul da Angola – Domingo, 6 de novembro de 2005, entretanto, alguns capítulos depois, a narrativa dá um salto para o Rio de Janeiro-Sexta-feira, 24 de junho de 2005 e ela termina, com quase 350 páginas, em Lobito, Angola, em 16 de março de 2007.

Já Homi Bhabha, no capítulo VII, “DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, em **O local da cultura** (1998), faz uma abordagem sobre a experiência da migração, que pode ser lida como uma analogia ao processo pendular que levou Laurentina e os três documentaristas a diversas cidades da África Austral.

Nesse sentido, é no espaço-tempo da fronteira, ressaltado pelo teórico, em que se pode encontrar o ponto de convergência da narrativa, com a estrada e os limites entre os países pelos quais circulam os personagens em **As mulheres do meu pai**:

Reuniões de exilados, *emigres* e refugiados, reunindo-se as margens de culturas “estrangeiras”, reunindo-se nas fronteiras; reuniões nos guetos ou cafés de centros de cidade; reunião na meia-vida, meia-luz de línguas estrangeiras, ou na estranha fluência da língua do outro; reunindo os signos de aprovação e aceitação, títulos, discursos, disciplinas; reunindo as memórias de subdesenvolvimento, de outros mundos vividos retroativamente; reunindo o passado num ritual de revivescência; reunindo o presente. Também a reunião de povos na diáspora: contratados, migrantes, refugiados; a reunião de estatísticas incriminatórias, performance educacional, estatutos legais, status de imigração (...) (BHABHA, 1998, p.198)

No texto de Agualusa pode-se vislumbrar a aproximação de Mandume, um angolano, que não se considera como tal por ser filho de portugueses e descrito na narrativa como “o preto mais branco de Portugal” (AGUALUSA, 2007, p.24) e Laurentina, que pouco conheciam daqueles espaços pelos quais circularam durante os meses em que preparavam o documentário, em contato com uma cultura, costumes e povos completamente diferentes da realidade deles. No espaço do automóvel, a Malembelembe, as “fronteiras” se desfazem, com

o contato entre tia e sobrinho – Lau e Bartolomeu e o motorista Pouca Sorte, que aparentemente nunca saíram de suas terras natais.

Além disso, inscreve-se como sugere o título, o lugar da cultura entre os povos africanos, em torno, inclusive, da relação espaço-temporal que são representados metonimicamente pelas viúvas de Faustino Manso em Angola, de Luanda a Benguela e Nmibe; seguindo para a Namíbia, depois África do Sul, na cidade do Cabo, chegando a Moçambique: Maputo, Quelimane e a ilha de Moçambique ao norte; e, evidentemente, dentro do espaço da estrada e do veículo, com os quatro personagens principais, durante um espaço-tempo entre 2005 e 2007. Logo, pode-se salientar que:

Essa *localidade* está mais em torno da temporalidade do que sobre a historicidade: uma forma de vida que é mais complexa que “comunidade”, mais simbólica que “sociedade”, mais conotativa que “país”, menos patriótica que *patrie*, mais retórica que a razão de Estado, mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia, menos centrada que o cidadão, mais coletiva que “o sujeito”, mais psíquica do que a civilidade, mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social. (BHABHA, 1998, p. 199)

Ou seja, a necessidade do deslocamento (termo utilizado por Rafaela Scardino em **Movimentos de demolição: deslocamentos, identidades e literatura** [2013]) apaga as fronteiras culturais e colocam todos dentro da Malembelembe e da câmera documental de Laurentina, Mandume, Bartolomeu e Pouca Sorte como se estivessem em uma mesma aldeia. Tais personagens representantes desses “povos de comunidades imaginadas” e os movimentos que eles realizam no espaço-tempo não poderiam ser representados de maneira horizontal em Homi Bhabha. Em outras palavras, as estratégias utilizadas por José Eduardo Agualusa corroboram essa teoria por não seguir uma progressão temporal linear. Dessa maneira,

Se, em nossa teoria itinerante, estamos conscientes da *metaforicidade* dos povos de comunidades imaginadas - migrantes ou metropolitanos - então veremos que o espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de “duplicidade” de escrita, uma temporalidade de representação que se move entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada. E tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual, da sociedade horizontal. (BHABHA, 1998, p.201)



Assim sendo, itinerante seria não só a teoria, mas também os povos ali representados metonimicamente com as esposas de Faustino Manso e com o grupo que intenta transformar essas vidas em documentário. Posto isso, “escrever a história da nação exige que articulemos aquela ambivalência arcaica que embada o tempo da modernidade”. (BHABHA, 1998, p.202) Tempo esse que se inscreve na narrativa de José Eduardo Agualusa e que, podemos refletir, poder-se-ia ser superado?

REFERÊNCIAS:

AGUALUSA, José Eduardo. *As mulheres do meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998.

BEMONG, Nele. *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas* / et al.; tradução Oziris Borges Filho, et al. – 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BEZERRA, Ana Cristina Pinto. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art15.pdf> Acesso em 27/03/2018, às 09:54

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. *O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários*. In: Revista da ANPOLL. Brasília, v.1, nº 28, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i28.166> Acesso em 18/10/2018

MACÊDO, Tânia. *Luanda, cidade e Literatura*. São Paulo: EDUNESP, 2007.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1987

SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, 1985.

_____. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCARDINO, Rafaela. *Movimentos de demolição : deslocamentos, identidades e literatura*. Vitória : EDUFES, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.



CHAVES, Rita & CAN, Nazir. *De passagens e paisagens: geografia e alteridades em Ruy Duarte de Carvalho*. Niterói, v.8, nº 16, 2016. Disponível em: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/348/275>. Acesso em 21/08/2018

Entrevista de José Eduardo Agualusa à Revista Fórum. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/angolano-cidadao-do-mundo/> Acesso em 28/08/2018